

EXÍLIOS, REFUGIADOS E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DO WEBSITE BLOG: UCRÂNIA, CHILE E PORTUGAL (SÉC. XIX-XX)

IASMIN DO PRADO GOMES

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Brasil

LUIZ GUSTAVO MARTINS DA SILVA

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Brasil

TALITA SENIUK

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC), Mato Grosso, Brasil

RESUMO: O objetivo deste artigo é abordar a história dos exílios globais e refugiados ucranianos, chilenos(as) e portugueses a partir do website Blog exílio-migração política | humanidades digitais. Utilizamos textos publicados na referida plataforma digital, entre outras fontes, para inserir o tema nas perspectivas teórica-metodológicas da História Global, História Pública, História do Tempo Presente e Humanidades Digitais. Constatamos que tais fenômenos são temporais e atravessados pela violência política perpetrada por Estados e governos. Este estudo aponta para a formação internacional de redes de sociabilidades e circulação de ideias nos séculos XIX e XX; e contribui para o entendimento desses fenômenos humanos em contextos distintos, bem como para a divulgação científica do conhecimento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos Migratórios; Violência Política; Blog; Tecnologia Digital.

INTRODUÇÃO

Peter Burke escreveu que “o exílio provou ser uma experiência traumática para muitas pessoas” (Burke, 2017, p. 14). Em seu livro, cujo tema é o das contribuições singulares dos exilados e expatriados à criação e à divulgação do conhecimento, o autor abordou os “exilados e expatriados e no que se poderia chamar de seus saberes ‘deslocados’, ‘transplantados’ ou ‘traduzidos’” e teve por interesse as consequências positivas do exílio, o “lado bom das coisas” ou, conforme afirmou, as “bênçãos da adversidade” (Burke, 2017, p. 14).

Neste texto, em diálogo com Burke, porém, levando em consideração as diversas dimensões pelas quais os exílios se inserem no tempo histórico, o nosso objetivo é o de abordar a história global desses fenômenos sócio-políticos. Uma vez que esse tema é amplo, para abordá-lo, cabem algumas delimitações. A primeira, refere-se à diferenciação entre cidadãos na condição de refugiados (imigração política) e imigrantes (imigração social, que inclui a questão econômica) – nesse último caso, a condição não se vincula exclusivamente à perseguição política ou religiosa. A segunda delimitação diz respeito ao recorte temporal, que se concentra no começo do século XIX e na segunda metade do século XX.

Esta abordagem, então, situa-se nas perspectivas das migrações e na história dos refugiados ucranianos, chilenas(os) e portugueses a partir de textos publicados no **website Blog e-migração política | humanidades digitais**¹, plataforma digital por nós construída e editada. Não rejeitamos, no entanto, a abordagem denominada “presentismo”, pois, partimos de inquietações atuais como a guerra conflagrada em espaços nacionais e regionais, no caso, a invasão em curso da Rússia à Ucrânia desde 24 de fevereiro de 2022.

Diante desse cenário violento, com várias interferências no mundo globalizado, a presente discussão exige bastante cuidado, porque, conforme Peter Burke, uma das formas possíveis de contribuir para o entendimento do tempo presente através do passado, é evitando respostas provocadas pelo próprio presente (Burke, 2017, p. 14). Nesse sentido, nós, profissionais da História, precisamos continuar a olhar para o passado sem apagá-lo ou fazê-lo desaparecer à medida que avançamos rumo ao futuro.

Ainda, sob esse ponto de vista, recorreremos ao historiador Le Goff (1994), o qual lembra que até os silêncios são reveladores da manipulação da memória coletiva. Por isso, reiteramos o cuidado que se deve ter ao analisar fatos em que os acontecimentos estão se desenrolando. Desse modo, ao abordar sobre a guerra em curso na Ucrânia, é importante não esquecer de fatos e eventos pretéritos das relações entre ambos os países.

As histórias dos refugiados ucranianos, em geral, são múltiplas. Desde o início da guerra, estima-se que entre 15 e 30 milhões se encontram exilados na Europa e nas Américas. De acordo com a matéria publicada em novembro de 2022, “a ONU registrou 7,8 milhões de pessoas como refugiadas da Ucrânia em toda a Europa, incluindo a Rússia. No entanto, o número não inclui aqueles que foram forçados a fugir de suas casas, mas permanecem na Ucrânia”².

Muitos desses refugiados também escolheram o Brasil como lugar de proteção. Letícia Sepúlveda, redatora do R7, afirmou que “o estado do Paraná tem o maior número de pedidos, 153 no total, seguido por São Paulo, com 146, e Rio de Janeiro, com 27 solicitações. Na lista, há 296 mulheres e 184 homens” (Sepúlveda, 2022). Como se vê, o Brasil vem se despontando como uma nação receptora dos refugiados, sendo, no caso atual ucraniano, cerca de 500 pedidos de visto de residência no país³.

Ressalta-se que a Ucrânia resiste por várias frentes, sendo uma delas possibilitada pela tecnologia, como o auxílio de drones. Para Mick Krever *et al.* (2022), em seu texto divulgado na CNN, trata-se de um “campo de testes da vida real para a guerra inovadora do século XXI. Os homens usam drones baratos e disponíveis comercialmente e programas de bate-papo para identificar e comunicar alvos para um armamento que, em muitos casos, tem várias décadas” (Krever *et al.*, 2022). Dessa maneira, a tecnologia de ponta e a comunicação regular nas redes sociais pelo presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, têm sido os meios para vencer o inimigo.

A partir dos apontamentos acima, o artigo está estruturado em quatro seções. Inserimos o tema dos exílios nas perspectivas de análise da História Global (e comparada), História Pública e Humanidades Digitais como metodologia. Nas três primeiras seções, abordamos alguns aspectos dos fenômenos ucraniano, chileno e português de forma isolada para compreensão das particularidades de cada experiência.

Na quarta seção, por fim, articulamos os três casos demonstrando diferenças e semelhanças entre eles, bem como mostramos visualização de dados advindos das fontes analisadas.

UCRÂNIA E EXÍLIO: PRESENTE, PASSADO E (QUAL) FUTURO?

Há mais de um ano, a Ucrânia é alvo de interesse global devido à guerra impetrada contra ela. Não obstante, para alguns brasileiros descendentes de ucranianos, tal conflito se torna ainda mais evidente, pois, em 2021, comemoraram-se 130 anos da chegada das primeiras famílias no Brasil⁴. E, para que se possa compreender os complexos movimentos migratórios ao qual os ucranianos vivenciaram e ainda experimentam, cabe lembrar sucintamente de sua história.

A Ucrânia é possuidora de um dos mais férteis solos da Europa, o chernossolo (Burko, 1963), além de outras riquezas, a cobiça dos seus vizinhos sempre trouxe adversidades. Sua população, inúmeras vezes, foi forçada a mudar dentro e fora de seus domínios étnicos ou territoriais. Durante o Medievo, foi o palco privilegiado da rota de passagem entre Oriente e Ocidente (Burko, 1963). É a partir desse período que se percebem os primeiros movimentos migratórios dentro de seu espaço, seja por motivos bélicos, agrários ou políticos. Desde então, seu território experimentou o jugo dos Impérios Polonês, Russo, Mongol, Austro-húngaro e, por fim, na contemporaneidade, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Este último período, em especial, é o recorte temporal nos textos que publicamos no Blog devido ao expressivo número de exilados políticos ucranianos. Para Subtelny (2009), o governo soviético foi o responsável por décadas de tragédias e sofrimento contra o povo ucraniano. Ao adentrar para a URSS, em 1920, já na década seguinte (1932-1933), os fatos históricos não deixam dúvidas quanto ao futuro nefasto que se aproximava.

Nesses dois anos, o governo de Stálin implantou a fome artificial denominada de Holodomor (que significa morte por fome ou inanição) contra o povo ucraniano. Estima-se que 4,5 milhões de ucranianos foram ceifados (Applebaum, 2019), contudo, há historiadores que afirmam que esse número pode ter ultrapassado os 10 milhões de mortes.

Não obstante a coletivização, a fome artificial e a aniquilação da identidade ucraniana por parte dos russos, os quais comandaram o governo soviético, em 1937, outra vez, os ucranianos presenciaram à perseguição, à captura e o desaparecimento de cerca de 30 mil pessoas influentes (Subtelny, 2009) da sua comunidade étnica. Entre os desaparecidos estavam professores, cientistas, artistas, líderes locais e religiosos. Foi um momento interpretado como o Grande Expurgo (Koenen, 2009).

Nos anos seguintes, cabe reiterar que os ucranianos não vislumbravam um futuro melhor. Malgrado a Europa já ter presenciado os horrores da Primeira Guerra Mundial (1914-1917) que, de certo modo, manteve as/estas pessoas onde já viviam sem deslocá-las, foram as fronteiras territoriais que se ajustaram. Depois da Segunda Guerra Mundial (1937-1945), com pequenas exceções, as fronteiras permaneceram as mesmas, no entanto, as pessoas foram obrigadas a se deslocar (Judt, 2008). Para Judt, nesse momento, a Europa jamais tinha se constituído de Estados-nações tão etnicamente homogêneos, aspecto visto pelo governo soviético como perigoso.

Como seus domínios havia se expandido milhares de quilômetros ao oeste, a partir de 1945, muitos ucranianos eram vistos como potenciais sabotadores e inimigos do regime em razão da influência estrangeira. Entre 1948 e 1949, Stálin ordenou uma série de prisões de ucranianos para os campos de concentração, que se equiparava aos números do Grande Expurgo – e isso só aumentou até 1952, o auge dessa prática (Applebaum, 2016). Como exemplo, no Blog, o texto “A história de Oles Berdnyk” retrata exatamente essa prática contra o artista, que sofreu outra condenação enquanto cumpria sua primeira pena de 18 anos (10 anos de prisão, 5 anos de exílio, 3 anos sem direitos políticos), que foi acrescida de mais uma década.

Qualquer pessoa que adotasse uma postura suspeita pelo governo soviético poderia se tornar um inimigo do povo. Ler um *samizdat*, faltar a uma reunião do partido, escrever algo contraditório, manter uma tradição cultural; tudo isso implicava ganhar a atenção das autoridades, como um inimigo do povo. Segundo Burko (1963), “os cidadãos soviéticos estão intimados a cessar de pensar e ter opiniões próprias, já que o Estado pensa por eles” (Burko, 1963, p. 72). E um dos textos publicados no Blog intitulado “Ter inteligência na Ucrânia Soviética é uma desgraça: o caso de Viatcheslav Tchornovil”, demonstra como esse jornalista e exilado político vivenciou o regime socialista.

Outro texto publicado que permeia o paradoxo das injustiças perpetradas contra aqueles que tentavam – dentro da lei – exercer suas liberdades, chama-se “Stepan Virun”. Ele aborda como esse advogado foi acusado de agitações anti-soviéticas e de nacionalismo, e em seu próprio depoimento usou como defesa os artigos 14 e 17 da Constituição Soviética para justificar seus atos sobre as discussões a respeito da saída da Ucrânia do Bloco Soviético. Assim, o depoente afirmou: “O direito de uma república de sair da União Soviética não pode ser delito, assim como a lei soviética não pode ser, ao mesmo tempo, antissoviética” (Burko, 1963, p. 14), mesmo diante disso, embora não tendo agido fora da lei, foi exilado também.

Para Burko (1963), as pessoas que praticavam a liberdade de consciência na Ucrânia eram privadas de sua liberdade pessoal. Ainda, para o autor, esses ditos criminosos que plantam flores, escreviam poesias, protestavam contra as violações dos direitos humanos e se dedicavam ao estudo dos mais variados temas, seriam convidados em outro regime político a ocupar as cátedras das universidades. Mas na URSS deveriam estar em prisões, pois atentaram contra o *status quo* soviético (Burko, 1963). Uma das publicações no Blog, nomeada “Alla Horská: pela liberdade além da arte”, dialoga com a ideia de Burko, ao contar a trajetória dessa artista defensora dos direitos humanos que foi silenciada e assassinada.

A partir do exposto acima, o que se pode concluir é que exercer todas as prerrogativas culturais da etnia, da qual se fazia parte, e viver fora daquilo considerado o padrão soviético, tornava-se um crime contra a ideologia do Estado. Acusados de criminosos, muitos ucranianos foram julgados de forma clandestina, ou se demonstrava que os processos existiam apenas para dar aos inocentes úteis a impressão de legalidade (Burko, 1963). Dois textos no Blog merecem destaque em relação a esse ponto: “Ivan Kandyba: preso político ucraniano condenado ao degredo” e “Levko Lukyanenko: traidor para a URSS, benfeitor para a Ucrânia”. Ambos retratam a trajetória de dois dos

fundadores do Grupo Ucrâniano de Helsinque, condenados em julgamentos clandestinos e sem possibilidade de defesa.

A política de Estado de extermínio contra os ucranianos pôde ser verificada nas atuações da KGB. Uma das penas comuns impetradas contra os opositores do regime, o exílio nos campos de concentração, é um exemplo do que se afirma. Na Mordóvia, local de maior concentração de exilados, havia em seus campos cerca de 60% e 70% de ucranianos, que formavam apenas 15% de toda a população da União Soviética (Burko, 1963). Enquanto os russos representavam 52% da população soviética na Ucrânia, apenas 10% estavam nesses lugares. No cárcere, os prisioneiros eram submetidos às práticas desumanas que circulavam entre a tortura e os tratamentos médicos compulsórios. Um dos textos publicados no Blog aborda essa situação: “Acredito que a nossa única arma é a verdade: Leonid Plyushch”.

Levando em consideração que alguns fatos históricos são pouco abordados pela historiografia – a exemplo do Holodomor, a tragédia ignorada pelo Ocidente, chamada de “holocausto da fome” por Cieszynska e Franco (2013), e os crimes cometidos não somente por Stálin, mas também pelo governo soviético – é preciso confrontar a moral e a herança política. Esse exercício de confrontação é para que não se contribua com uma ardilosa forma de esquecimento, autorizada e imposta pela história oficial, resultado do desapossamento dos atores sociais de narrarem a si mesmos (Ricoeur, 2007).

Os textos sobre os exilados e dissidentes políticos ucranianos do período soviético, publicados no Blog, chancelam a oportunidade de conversar com personagens históricos que, muitas vezes, ocupam o lugar do esquecimento ou são silenciados pela historiografia tradicional. Desse modo, convém relembrar que a URSS deslegitimava qualquer pessoa que criticasse sua política, levando o militante para a condição de criminoso e refugiado político. Nesse sentido, no nosso site é possível conhecer, por meio de uma linguagem acessível e referenciada, a trajetória desses homens e mulheres que lutaram até com suas vidas pelo direito de serem ucranianos e pelos direitos humanos em geral.

CHILE: FEMINISMOS E EXÍLIO POPULAR

O exílio é uma prática recorrente na América Latina desde épocas anteriores aos movimentos de independência. No período colonial, essa lógica foi usada contra os grupos que defendiam a expansão de fronteiras coloniais. Como salientado por Roniger (2011), “todos os países da América Latina – apesar de trajetórias institucionais diferentes – incorporaram o exílio como uma prática importante” (Roniger, 2011, p. 32). Em diversos momentos, o exílio/desterro⁵ foi concebido como fenômeno “natural” na região; experiência comum aos que participaram da política latino-americana, que não necessitava de maiores formulações teóricas. Mas o cenário mudou consideravelmente com a imposição de governos autoritários que utilizaram o ato como forma de punição para com os sujeitos considerados traidores da pátria.

Os processos de independência ocorridos na América Latina no século XIX possibilitaram que ao fenômeno do exílio fosse atribuído maior significado político, pois os novos ideais de nação, nacionalidade e direitos do cidadão permitiram que as experiências de deslocamento fossem estudadas a partir de múltiplos contextos

políticos (Yankelevich, 2011). Porém, o exílio em massa – e seu caráter internacional –, assumido com as ditaduras militares implantadas na segunda metade do século XX, proporcionou lacunas para que pesquisadoras e pesquisadores pensassem os seus diversos desdobramentos e o entendessem por meio de maior significação política, sobretudo no campo da História do Tempo Presente, que faz uso de testemunhas vivas dos eventos investigados. Nesse campo de estudo, sujeito e objeto encontram-se na mesma temporalidade. A abordagem é recorrente na América Latina, principalmente devido aos fenômenos autoritários acometidos sob a região nas décadas de 1960 e 1970 (Fico, 2012; Ramírez, 2012).

Nos textos que publicamos no Blog, o exílio é entendido como instrumento de exclusão de oponentes políticos utilizado pelos regimes autoritários e de exceção; governos que usaram a prática como uma das diversas formas de tortura aplicadas pelos militares aos sujeitos considerados inimigos do Estado e foram por eles legitimadas através dos atos institucionais e tantos outros dispositivos de opressão construídos pelas ditaduras. Apesar de seu caráter coletivo, a esfera individual do exílio também foi investigada, visto que, perpassou as experiências e subjetividades de cada indivíduo de acordo com suas condições econômicas e socioculturais. Ao contrário dos deslocamentos surgidos durante os processos de independências, os exílios ocasionados pelo autoritarismo vigente na América do Sul a partir de 1960 foram formados por grupos de gênero, raça e classe distintas; questão essa que explica porquê pesquisadoras e pesquisadores sobre a temática insistem em avaliar as práticas de desterro sob os vários ângulos.

O exílio chileno, talvez o que mais comportou elementos populares na América Latina, foi objeto de análise de alguns dos nossos textos publicados no Blog. O exílio no Chile foi caracterizado pela expulsão de sujeitos simpatizantes e atuantes no projeto político de Salvador Allende – primeiro presidente socialista democraticamente eleito na América Latina – denominado “Via Chilena para o Socialismo”. Senadores, deputados, dirigentes partidários, sindicalistas, ativistas sociais, trabalhadores do campo e da cidade e várias pessoas cujas trajetórias se relacionaram com tais grupos se tornaram exilados políticos ou viveram a condição de exilado(a).

Os sobreviventes da Unidade Popular, coalizão de partidos de esquerda que apoiaram a eleição de Salvador Allende, viram seus projetos políticos e pessoais serem interrompidos pela ditadura de Augusto Pinochet, vigente entre 1973 e 1990, e partiram para países como França, Cuba, Canadá e Finlândia. Nesses lugares, criaram redes de sociabilidade e solidariedade. Muitos dos quais prosseguiram com a militância iniciada no Chile. O socialismo de Salvador Allende consistiu em esperança para as esquerdas latino-americanas daquela época e recebeu apoio de setores comunistas e sociais-democratas de outros continentes, o que possibilitou que exiladas e exilados recebessem asilo/proteção em diversas partes do globo (Yankelevich, 2011). Esse fato proporcionou destacável visibilidade ao desterro chileno e lhe atribuiu um caráter massivo e, ao mesmo tempo, complexo e individual.

As fontes quantitativas não permitem saber com exatidão qual foi o número de exiladas e exilados durante a ditadura militar no Chile. Estima-se que ocorreram entre 200.000 e 400.000 proibições de integração ao país de 1973 a 1987. Esses dados

chamam a atenção para a heterogeneidade existente no desterro e a diversidade de histórias que podem ser escritas a partir de suas memórias individuais e coletivas. Um dos objetivos dos artigos publicados no Blog foi analisar o exílio chileno por meio da perspectiva de gênero, buscando romper com a centralização do sujeito universal masculino existente na historiografia.

A demanda partiu das investigações e inquietações provenientes da dissertação de mestrado “Feminismos e catolicismos no Chile ditatorial: a atuação de exiladas na revista “Mensaje” (1982-1990)” de uma das integrantes e autora do Blog. O trabalho examina como as relações entre feminismo e catolicismo corroboram para a atuação de exiladas na revista católica “Mensaje”, durante o recorte de 1982 a 1990. As exiladas de maior destaque nessa fonte analisada receberam asilo na França, local onde grande parte da intelectualidade latino-americana estava exilada, o que também diz muito sobre o *status* político e socioeconômico que elas ocupavam na sociedade. Segundo García (2012), cerca de 41% da comunidade chilena exilada na França era composta por mulheres. A informação permite refletir sobre o impacto das concepções de gênero em um contexto caracterizado por formação de redes de sociabilidade e intensa circulação de ideias e projetos políticos.

Se homens e mulheres atravessaram experiências similares na situação de exílio, as vivências específicas próprias a cada gênero fazem com que seus membros atribuam um sentido diferente a esses processos comuns. Assim, não se pode restituir a complexidade do exílio sem analisar a maneira específica pela qual as mulheres o vivem, pois, ainda que ambos os gêneros partilhem de um mesmo imaginário social, o sentido que as mulheres lhe emprestam como grupo social é bastante diferente do dos homens (Brito; Vasquez, 2007, p. 16).

Desse modo, analisar a trajetória das exiladas e concebê-las como sujeitos históricos concretos significa resgatar estes dados e tecer problematizações que entendam seus impactos historiográficos e sociais. As reivindicações por narrativas que contemplem mulheres são reflexo de todo um social que carece de pesquisas de gênero e escritas de histórias silenciadas pela centralização do sujeito no indivíduo cis, masculino, branco e heterossexual. Boa parte dos textos publicados no Blog almeja contribuir para a ampliação de estudos que contemplem as mulheres, investigando experiências de exiladas latino-americanas, sobretudo as chilenas. “Exílio chileno no feminino e desconstrução do sujeito universal masculino”, por exemplo, caracteriza o exílio feminino e aponta a importância de incorporar experiências de mulheres nos estudos sobre o fenômeno, rompendo com o mito de que apenas homens desenvolveram trajetórias no exílio (Brito; Vasquez, 2007).

Já “Feminismo e exílio em *Mensaje*” aborda as relações entre feminismo e exílio no Chile, usando como fonte a revista católica “Mensaje”, fundada pelo jesuíta Padre Hurtado em 1951, e trazendo discussões da dissertação de mestrado através de uma linguagem objetiva e didática. A ideia é oferecer instrumentos para que o exílio chileno possa ser analisado a partir da perspectiva de gênero para historiadoras(es), públicos não acadêmicos ou que não tenham familiaridade com o assunto, sem perder a

cientificidade e aproveitando as ferramentas das tecnologias digitais que estão ao nosso alcance.

Além disso, este artigo convida os seus leitores a conhecerem um outro trabalho disponível no Blog, “Etapas psicológicas do exílio”, que retrata os ciclos que acompanham a psicologia da comunidade exilada nos estágios iniciais em que chega ao país receptor. Após essa abordagem, as diferenças de etapas psicológicas entre homens e mulheres são explicitadas, ressaltando o quanto as vivências dos exílios assumem um caráter coletivo e individual, conforme as condições de gênero e classe em que se encontra o indivíduo. A fonte utilizada para a escrita do material é “Mulheres no exílio: a percepção do exílio nas mulheres exiladas na França”, de autoria da exilada chilena e socióloga Ana Vasquez e publicado em “Mensaje” em 1982. Assim como outros conteúdos do Blog, os dois textos se complementam e salientam as complexidades que envolvem os exílios latino-americanos.

Vale ressaltar que a temática do exílio no Chile também foi abordada no Blog com o auxílio da literatura e da música. “A aventura de Miguel Littin clandestino no Chile” e “Vuelvo para vivir (...)” abordam os dois assuntos, respectivamente. O primeiro trata do livro de mesmo nome escrito pelo colombiano Gabriel García Márquez e publicado em 1986. Nele, o autor narra a trajetória de Miguel Littin, exilado que gravou clandestinamente um documentário de denúncia ao autoritarismo de Augusto Pinochet. Já o segundo conta a história da canção “Vuelvo para Vivir” do grupo musical “Illapu”, que se tornou um símbolo do exílio chileno e hino contra o regime de exceção. Dessa forma, destacamos a interdisciplinaridade do nosso site e seu propósito de trabalhar o fenômeno do exílio a partir de temporalidades e espaços distintos, atribuindo-lhe especificidades e se apropriando do uso das mídias digitais.

EXÍLIO PORTUGUÊS: O QUE O OITOCENTOS TEM A DIZER

Nesta seção, lançamos luz ao tema dos exílios e migrações em uma perspectiva histórica, com ênfase ao caso de Portugal, no período de 1823 a 1834. Levamos em consideração, contudo, os anos 1807-1808, momento que a Corte portuguesa foi obrigada a se refugiar do país, vindo para a América Portuguesa em razão da perseguição pelo Imperador Napoleão Bonaparte. Foi um momento de exílio político de Regentes, Príncipes, Princesas, Duques, entre outros sujeitos de setores da elite intelectual do Reino.

Nas décadas seguintes, algumas mudanças significativas foram percebidas no Império do Brasil, inclusive, a vigilância e o controle sobre os estrangeiros, nomeadamente imigrantes portugueses. Isso deu-se por meio de decretos, termos de adesão à causa nacional e ao imperador, portarias, ofícios e passaportes. Segundo Gladys Ribeiro (1997), “temia-se que os estrangeiros aqui estabelecidos agissem contra a ‘causa do Brasil’” (Ribeiro, 1997, p. 90), ou seja, eram vigiados e controlados aqueles que pudessem ser contrários à independência política do Brasil de Portugal.

Em 1820, a Revolução Liberal eclodiu na cidade do Porto, em Portugal, marcando o início da superação do Estado absolutista e do Antigo Regime. Não faltaram, contudo, movimentos de contestação à revolução. As manifestações

contrarrevolucionárias imediatamente se expressam em diversos lugares do país e na imprensa periódica, seja em Portugal, seja no Brasil. O recorte que vai de 1823 a 1834 é interpretado na historiografia como contrarrevolução miguelista (Rodrigues, 1975; Lousada, 1987; Monteiro, 1990; Lousada; Ferreira, 2009; Gonçalves; Guimarães, 2020), em função da liderança nas mobilizações pelo Infante Dom Miguel, irmão de Dom Pedro I, já Imperador do Brasil dada à independência por ele iniciada em 1822.

Os movimentos contrarrevolucionários, a Vilafrancada, em 1823, e a Abrilada, em 1824, resultaram na repressão aos liberais (Gonçalves, 2015). Isso ocasionou o fenômeno da migração forçada. Nesse momento, houve a suspensão da Constituição portuguesa, e o exílio direcionado sobretudo para a Inglaterra abarcou, na sua maioria, pessoas ligadas às elites políticas, intelectuais e militares como Almeida Garrett, Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo (marquês de Sá da Bandeira), José da Silva Carvalho, José Ferreira Borges; esse último foi um dos personagens que fundou o Sinédrio, associação secreta que preparou a revolução de 1820.

O exílio liberal intensificou-se após o biênio constitucional, que durou de 1826 a 1828. Durante esses anos, a Constituição política do Império do Brasil, de 1824, foi outorgada por Dom Pedro e adaptada ao Reino para garantir a sucessão do trono com a morte de Dom João VI. Porém, Dom Miguel foi aclamado Rei absoluto pelas cortes tradicionais em 1828. Seu governo foi marcado por intensa violência aos liberais – prova disso são os mais de 1403 processos crime de seu Reinado, estudados pela historiadora Andréa Lisly Gonçalves – e teve forte apoio das camadas populares (Gonçalves, 2015).

Como resultado, entre 1823 e 1834, o número de exilados aumentou de forma incontável, constituindo-se num fenômeno em massa. Calcula-se que cerca de doze mil pessoas seguiram rumo ao estrangeiro, entre elas, crianças, mulheres, homens, criadas, criados, padres e muitos militares vivenciaram as formas das experiências políticas, sociais e intelectuais do exílio em países da Europa, África e Américas (Maia, 2010). Muitos desses portugueses se estabeleceram nas províncias do Brasil – Bahia, Minas Gerais, Pernambuco –, a partir de 1829, após uma travessia penosa de Portugal à Galiza, à Espanha, à Inglaterra, à Bélgica e à França. Ao desembarcarem no Rio de Janeiro, receberam asilo e subsídio financeiro do governo de Dom Pedro I.

Vários refugiados perseguidos pela contrarrevolução miguelista, uma vez em terras brasileiras, associaram-se às instituições científicas e culturais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o Gabinete Português de Leitura (RGPL), o Museu Nacional, entre outras, e integraram a tropa nacional (Silva, 2022) e atuaram no teatro e no periodismo. São os casos de Joaquim José da Silva Maia, Emílio Joaquim da Silva Maia e Sá da Bandeira, já citado – no Blog⁶, inclusive, há textos sobre as trajetórias desses personagens.

Entre os textos publicados no Blog, destacam-se os seguintes: “Um militar exilado no Brasil – trajetória de Sá da Bandeira”, pelo qual demonstramos aspectos de sua experiência política; “Emílio Maia, uma síntese de sua história”, texto no qual enfatizamos sua experiência como exilado, assunto pouco apontado pela literatura; e o texto “Highlights da trajetória do exilado Silva Maia”, em que discutimos alguns aspectos da vida de Silva Maia, realçando sua atuação no Brasil e em Portugal entre 1796 e 1830. Por fim, no texto “Exílio, exilados liberais e o contexto sul da Europa” abordamos o tema aqui em questão.

O exílio liberal português foi um evento histórico transnacional e internacional e esteve conectado com os exílios espanhol e italiano (Silva, 2022; Isabella; Zanou, 2016; Cassino, 2015; Faria, 2015; Paquette, 2013; Simal, 2012). A existência de exilados no Brasil recrudescou o antilusitanismo e as críticas ao governo de Dom Pedro. Espanhóis, italianos, hispânicos, brasileiros, entre outros, juntos na militância fortaleceram uma 'internacional antimiguelista' (Gonçalves, 2015, p. 176).

Com diferentes projetos liberais, portugueses e brasileiros tiveram o periodismo como espaço privilegiado de afirmação das identidades políticas. Para Gladys Sabina Ribeiro, o "ser brasileiro" constituiu-se como construção histórica, oposta ao "ser português", e foi reivindicado como forma de participação política, de luta pela liberdade, desde os anos finais de 1821 até os primeiros anos do período Regencial (Ribeiro, 1997).

O número de exilados que circularam pelos mares Mediterrâneo e Atlântico não é muito preciso. Sabe-se, entretanto, que compartilharam experiências, disseminaram ideias, propuseram projetos políticos liberais, formaram culturas e redes de sociabilidade e contribuíram para a extensão do Liberalismo. Assim, no decurso das Restaurações, Portugal, Espanha e Itália foram sacudidos por revoluções liberais, que implementaram monarquias constitucionais, com as quais se pudesse garantir os direitos civis e políticos dos cidadãos. Porém, em particular na Península Ibérica, as tentativas de restaurar a tradição perdida do "ancien regime", se fizeram vitoriosas, sendo a contrarrevolução miguelista uma experiência mais bem sucedida (Lousada, 1987).

Tal reação autoritária desdobrou-se na perda de direitos civis, individuais e políticos, e milhares de cidadãos foram presos e se tornaram refugiados políticos sob a acusação de inimigos do Estado. Esses aspectos fazem parte do que o Oitocentos tem a dizer, no interior das discussões sobre a manutenção dos laços entre Brasil e Portugal após as independências. Portanto, entre revolução e manifestações reacionárias, os exílios português, espanhol e italiano estiveram conectados e foram representativos dessa dinâmica complexa (Simal, 2011), marcando a história da Europa, das Américas, da Ásia e de parte da África em escala global.

OS EXÍLIOS EM PERSPECTIVA GLOBAL: ANÁLISES E VISUALIZAÇÃO DE DADOS

As diversas dimensões dos exílios ucraniano, chileno e português condizem com perspectivas interdisciplinares dos movimentos migratórios na medida que a realidade dos refugiados(as), migrantes em *locus* nas fronteiras dos Estados mostra como a ação estatal é responsável por seus deslocamentos, mudanças e incertezas de suas vidas. No entanto, abordar a história dos exílios a partir do ponto de vista nacionalista, isto é, através de uma perspectiva concentrada na história nacional, não é suficiente para compreender a inserção do fenômeno e dos sujeitos em outros espaços e tempos históricos.

Nesse sentido, a História Global apresenta as vias pelas quais esses exílios e seus contextos podem ser inseridos em cenários globais. Entre os estudiosos, não há uma definição consensual sobre a História Global. Aqui, destacamos o trabalho de Sebastian Conrad (2019). Em seu livro, o autor afirmou que em sociedades marcadas por "fortes

vagas de imigração, a história global dá também resposta a determinados desafios sociais e à procura por uma narrativa mais inclusiva do passado” (Conrad, 2019, p. 12). A História Global difere das abordagens nacionalistas ao mesmo tempo que não considera substituir o paradigma da história nacional por uma totalidade abstrata designada mundo.

Para esse autor, trata-se de “uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais” (Conrad, 2019, p. 16-17). A História Global tem por foco as questões da mobilidade e do intercâmbio, ou seja, processos que vão além de fronteiras e barreiras. E toma a “interconexão global como ponto de partida e faz da circulação e do intercâmbio de coisas, pessoas, ideias e instituições os seus principais objetos de análise” (Conrad, 2019, p. 16-17), como demonstramos nas seções anteriores.

Na mesma obra (Conrad, 2019), o historiador apontou que a História Global pode ser apreendida como objeto de estudo e metodologia, isto é, sobre a história das globalizações, processo e perspectiva de análise, a qual trata das conexões espacialmente amplas de processos de integração. Além disso, compreende que essa forma de análise histórica pode ser vista à semelhança de outras abordagens como a história social e de gênero.

João Júlio Gomes dos Santos Junior e Monique Sochacewski (2017) também contribuem para o entendimento acerca da História Global enquanto um empreendimento intelectual em curso desde os anos de 1990. Tais pesquisadores abordam de que forma a História Global pode ser avaliada como uma resposta historiográfica a todo o cenário de mudanças desdobrado desde 1960, com os processos de descolonização da África e Ásia, o massacre da Praça Celestial de Pequim, a queda do Muro de Berlim, a abertura pela política de Mikhail Gorbachev, a virada no regime do *Apartheid* após a libertação de Nelson Mandela, e a globalização⁷.

Para os autores citados, de modo geral, essas correntes compartilham a vontade de superar o nacionalismo metodológico e evitar as visões eurocêntricas/ocidentalistas da história. Desta forma, um dos pontos importantes deste artigo liga-se diretamente nessa chave interpretativa, visto que nosso objetivo é o de ampliar nossa abordagem para além do espaço nacional ou regional europeu (e Ocidental).

Desde 2020, foram publicados regularmente um total de 39 textos no **website Blog exílio-migração política | humanidades digitais**, além de outros materiais. Trata-se de um portal científico para a divulgação pública e ampla do conhecimento relacionado à História. O site é voltado para historiadores e o público em geral⁸. Seu objetivo central é estender o conhecimento acadêmico à sociedade por meio de uma linguagem simples e com vistas ao acesso de fontes históricas arquivísticas e de bibliotecas digitais. Cada autora e autor do presente artigo trabalha com o tema dos exílios e das trajetórias dos refugiados da Ucrânia, Chile e Portugal e suas conexões continentais e atlânticas.

“Nosotras e o feminismo latino-americano no exílio”, um dos textos publicados no Blog, é um exemplo do modo como a História Global pode ser utilizada em conjunto com a História das Mulheres e os estudos de gênero ao apresentar o boletim “Nosotras”, que foi confeccionado pelo “Grupo Latino-americano de Mulheres em Paris”, fundado pela brasileira Danda Prado e formado por mulheres latinas, inclusive exiladas. A

organização deu início às suas reuniões em 1972 e realizou debates e projeções de filmes sobre temáticas femininas. “Nosotras” circulou clandestinamente entre 1974 e 1976 no Brasil e em outros países da América Latina. Além disso, foi impresso em português e espanhol, o que ressalta o seu caráter latino-americanista (Abreu, 2013; Oliveira, 2013).

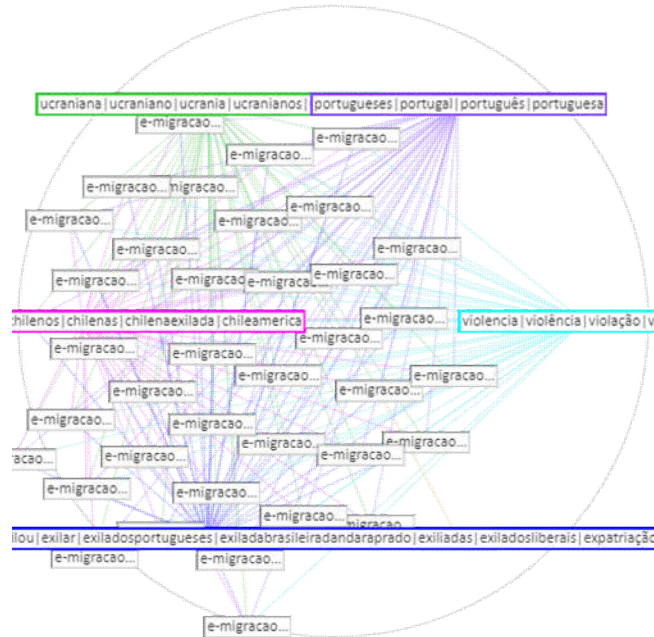
O boletim denunciou a violência de gênero e a ditadura militar brasileira, somando-se a outras formas de resistências feministas que encontraram nos impressos um instrumento de luta contra as opressões de gênero materializadas nos espaços público e privado. Ele também defendeu a legalização do aborto abordando de maneira crítica sobre a sexualidade e o casamento, contrariando setores conservadores da sociedade latino-americana. “Nosotras” é um grande veículo para estudarmos as redes internacionais de mulheres compostas e construídas por exiladas e para entendermos as suas articulações com os feminismos da chamada “segunda onda” na América Latina (Abreu, 2013; Oliveira, 2013).

Um dos compromissos de “Nosotras e o feminismo latino-americano no exílio” é evidenciar algumas destas conexões, propondo ao leitor o contato com outras referências sobre o assunto, sendo elas, livros e artigos acadêmicos e/ou conteúdos já publicados em nosso site. O texto “A exilada brasileira, Danda Prado”, que conta um pouco da trajetória da fundadora do “Grupo Latino-americano de Mulheres em Paris” a partir de suas experiências enquanto feminista e exilada brasileira é um exemplo. As suas obras foram destacadas no decorrer da escrita porque uma das propostas do Blog é corroborar para a circulação de materiais protagonizados pela comunidade exilada, contribuindo para que ela fale por si mesma e para que os nossos debates contemplem múltiplas dimensões.

A análise comparativa dos exílios dos três países em discussão foi realizada no *Voyant Tools*⁹, *software* no qual adicionamos os 39 textos divulgados no Blog. Entre as 19 ferramentas de análise do programa, definimos duas, a saber: Mandala e Diagrama de fluxo. Mandala é uma ferramenta de visualização conceitual que demonstra as relações entre os termos e os documentos. Cada termo de consulta atrai os documentos (imã) em função de sua frequência relativa no *corpus* documental. Já a ferramenta Diagrama de fluxo é uma visualização que representa a evolução da frequência (determina se as frequências são expressas de maneira absoluta ou relativa, seja por documento, seja por segmento) das palavras em um *corpus* documental (ou em um documento individual).

O objetivo da análise foi identificar o ponto comum que perpassa as três experiências de exílio. Para tanto, selecionamos alguns conceitos escritos nos textos de modo a entender suas frequências relativas e absolutas e sua evolução. A imagem 1, exportada do *software*, mostra os termos selecionados na análise, sendo: ucraniano, ucrânia, ucraniana, ucranianos (cor verde); português, portugal, portugueses e portuguesa (cor roxa); chilenas, chilenos, chile (cor rosa); exilou, exilar, exilados portugueses, exilada brasileira danda prado, exiladas, exilados liberais, expatriação (cor azul marinho); violência, violação (plural e sem acento; cor azul claro). O que indica que as relações conceituais são integrais, ou seja, os termos estão presentes em todos os textos, exceto o termo refugiado (cor laranja) que está contido somente em um documento do *corpus*.

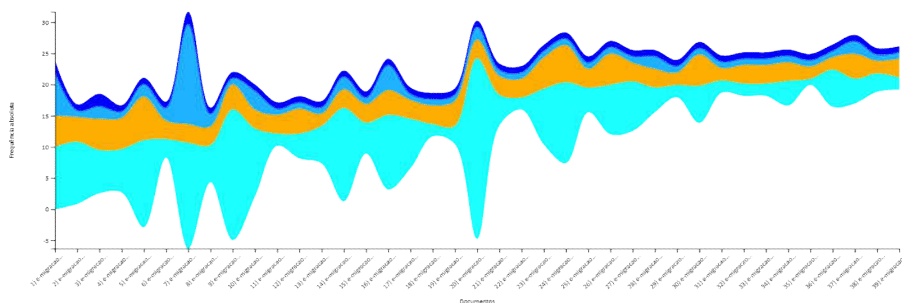
Imagem 1. Relação entre violência e exílios e termos correlatos



Fonte: Stéfán Sinclair e Geoffrey Rockwell, “Mandala”, *Voyant Tools* (2023). Disponível em: <https://encr.pw/fPPym>. Acesso em: 3 abril 2023.

A imagem 2 apresenta o conceito de exílio (cor laranja, azul claro e azul céu) no plural ou singular, com ou sem acento, possui 488 de frequência absoluta, enquanto o termo violência (azul marinho) 49 de frequência absoluta no *corpus* documental. Para além dos dados quantitativos, a análise revela a evolução regular da frequência do termo violência; os autores mencionam com frequência o fato de que os exílios são temporais e atravessados pela violência política perpetrada por Estados e governos. O que também revela, por fim, como o conceito de violência, ligado à violação de direitos, prisões e mortes, marca ou sobrepõe-se ao próprio fenômeno do exílio de forma abrangente.

Imagem 2. Evolução da frequência dos termos violência e exílios nos textos do Blog



Fonte: Stéfan Sinclair e Geoffrey Rockwell, “Diagrama de fluxo”, *Voyant Tools* (2023). Disponível em: <https://encr.pw/FCMSR>. Acesso em: 03 abril 2023.

O *Voyant Tools* tornou a análise mais transparente ao permitir identificar indícios de problemas a serem explorados com a temática. A apropriação do programa demonstra o esforço de articulação e diálogo com as Humanidades Digitais (HD), uma área interdisciplinar que fornece metodologias específicas das tecnologias digitais na interseção com as Humanidades, ou seja, a relação entre os estudos legados pelas Ciências Humanas e Sociais e a Computação. Segundo Arthur Reis, as HD se popularizaram no Brasil no contexto da pandemia de Covid-19 (Reis, 2023), momento no qual procuramos compreender melhor esse campo de estudo. Para Daniel Alves, as Humanidades Digitais possuem um caráter para além do formalismo acadêmico, uma “comunidade de práticas” envolvendo o diálogo com a sociedade (Alves, 2016).

No atual cenário das TDIC, seguimos as propostas de Tiago Luís Gil e Leonardo Barleta que chamam “a atenção para formas alternativas de visualizar informação histórica, [e destacam as] possibilidades múltiplas de trabalho”, ou seja, o potencial de gráficos interativos e mapas com escala variável “para a produção (e não apenas ilustração) do conhecimento histórico” (Gil; Barleta, 2015, p. 427). Assim sendo, os gráficos Mandala e Diagrama de fluxo inseridos como imagens neste texto demonstram visualizações de dados com base nos conteúdos históricos sobre os exílios aqui abordados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O **website Blog exílio-migração política | humanidades digitais** cumpre com o papel de abordar o fenômeno do exílio a partir de distintas vertentes, evidenciando o seu caráter coletivo, mas também as suas particularidades conforme a região e o tempo histórico investigado: em nosso caso, Chile, Portugal e Ucrânia nos séculos XIX e XX. Os temas e recortes se conectam entre si, afinal, se relacionam com histórias marcadas por governos autoritários que delegaram aos seus opositores práticas de perseguição e expulsão violenta, sendo o exílio uma delas.

Neste texto, abordamos aspectos das trajetórias de agentes e grupos políticos que experienciaram eventos traumáticos e sensíveis que estão longe de serem resolvidos individual e coletivamente. Eles correspondem a um passado que não passa, uma dor latente que carece de justiça histórica e responsabilização aos Estados. E se conectam com assuntos contemporâneos como a guerra entre Rússia e Ucrânia e o *Estallido Social* ou Explosão Social, processo histórico iniciado em outubro de 2019 no Chile que critica diretamente a ditadura militar de Augusto Pinochet (1973-1990) e as suas heranças que atravessam a realidade do povo chileno atualmente.

Consideramos que, embora a guerra da Rússia na Ucrânia esteja territorialmente distante do continente americano, devido à globalização, em que há a percepção de que houve o encurtamento do mundo de acordo com Harvey (2004), as ações tomadas do outro lado do planeta impactam a todos; o exílio e a condição de refugiado ainda se perpetuam para os ucranianos e propõem mudanças no cenário dos países receptores¹⁰. Esse povo que vivenciou entre os séculos XIX e XX tal fenômeno, ainda, experimenta a contragosto o deslocamento forçado, outrora devido ao governo soviético, atualmente por causa da política beligerante russa de Vladimir Putin.

Concluimos que as experiências de exílio aqui destacadas apresentam diferenças que permeiam as suas espacialidades e temporalidades, pois nenhum exílio é igual ao outro, ou possui completa semelhança. As motivações políticas de chilenas(os), portugueses e ucranianos, por exemplo, são distintas e foram moldadas conforme o contexto nacional em que estavam inseridos/as e a conjuntura transnacional. Inclusive, o fenômeno do exílio não é percebido de maneira homogênea nem entre comunidades exiladas de um mesmo país. Categorias como classe, raça e gênero, por exemplo, impactam diretamente em suas percepções e contribuem para o desenvolvimento de investigações da área que comportem inúmeras dimensões.

Ademais, as experiências aqui estudadas apresentam divergências no que tange aos números de exilados/as que, ainda hoje, carecem de precisão, visto que, se deram em cenário de intensa perseguição e destruição de documentos oficiais. Isso se explica também porque fontes da repressão são passíveis de manipulação pelas autoridades governamentais.

O diálogo com os sujeitos e organizações implica em contribuir para o rompimento de silêncios que atravessam a própria historiografia sobre os exílios. Recorrer à História Global e às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) – por exemplo, o uso do *software Voyant Tools* – que se encontram ao nosso dispor para abordá-las no ciberespaço e nas redes sociais, é importante para a concretização desse objetivo.

Além disso, promover a ampliação desses discursos implica no uso e apropriação crítica de ferramentas acessíveis a um público amplo, o que possibilita que tais temáticas alcancem indivíduos que não estão inseridos na academia ou que não estejam nela vinculados, mas desejam ter contato com estudos que contemplem os exílios latino-americanos e europeus por meio de linguagem direta e fluída.

Finalmente, esta investigação aponta para a formação internacional e transcontinental de redes de sociabilidades e circulação de ideias nos séculos XIX e XX; e contribui para o entendimento desses fenômenos humanos em contextos distintos e globais, bem como para a divulgação científica do conhecimento histórico.

Artigo recebido em: 01/07/2023
Aprovado para publicação em: 28/09/2023

EXILES, REFUGEES AND SCIENTIFIC DISSEMINATION FROM THE BLOG WEBSITE: UKRAINE, CHILE AND PORTUGAL (19TH-20TH CENTURIES)

ABSTRACT: The objective of this article is to approach the history of global exiles and Ukrainian, Chilean and Portuguese refugees from the website Blog political exile-migration | digital humanities. We use texts published in that digital platform, among other sources, to insert the theme in the theoretical and methodological perspectives of Global History, Public History, History of Present Time and Digital Humanities. We found that such phenomena are temporal and crossed by political violence perpetrated by states and governments. This study points to the international formation of networks of sociabilities and circulation of ideas in the nineteenth and twentieth centuries; and contributes to the understanding of these human phenomena in distinct contexts, as well as to the scientific dissemination of historical knowledge.

KEYWORDS: Migration Movements; Political Violence; Blog; Digital, Technology.

EXILIOS, REFUGIADOS Y DIFUSIÓN CIENTÍFICA DESDE UN SITIO DE BLOGS: UCRANIA, CHILE Y PORTUGAL (SIGLOS XIX-XX)

RESUMEN: El objetivo de este artículo es abordar la historia de los exilios globales y de los refugiados ucranianos, chilenos y portugueses desde el sitio web Blog exilio político-migración | humanidades digitales. Utilizamos los textos publicados en esa plataforma digital, entre otras fuentes, para insertar el tema en las perspectivas teóricas y metodológicas de la Historia Global, la Historia Pública, la Historia del Tiempo Presente y las Humanidades Digitales. Encontramos que estos fenómenos son temporales y están cruzados por la violencia política perpetrada por los estados y los gobiernos. Este estudio apunta a la formación internacional de redes de sociabilidades y circulación de ideas en los siglos XIX y XX; y contribuye a la comprensión de estos fenómenos humanos en distintos contextos, así como a la difusión científica del conocimiento histórico.

PALABRAS CLAVE: Movimientos Migratorios; Violencia Política; Blog; Tecnología Digital.

NOTAS

1 - Ver: <https://e-migracaopolitica.com/blog/>.

2 - **Guerra na Ucrânia: 240 mil já morreram no conflito, dizem os EUA.** Ver: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/11/10/guerra-na-ucrania-240-mil-ja-morreram-no-conflito-dizem-eua.htm>. Acessado em: 03 dez. 2022.

3 - “O Brasil sempre teve um papel pioneiro e de liderança na proteção internacional dos refugiados [e imigrantes]. Foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, no ano de 1960”. ACNUR, ver: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/>, grifo nosso. Para acesso à Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados e Apátridas, adotada em 28 de julho de 1951, pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários, e vigente desde 22 de abril de 1954: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf. Cabe destacar que a ratificação ocorreu quatro anos antes da emergência do fenômeno do exílio político brasileiro em decorrência da ditadura militar e civil (1964-1988).

4 - Sugere-se a leitura: CHOMA, A.; ANTONELLI, D. & SENIUK, T. **As Ucrânias do Brasil: 130 anos de cultura e tradição ucraniana**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2021.

5 - Desterro é um termo correlato que aparece nas fontes e na literatura sobre o tema, razão pela qual também o utilizamos aqui.

6 - Entre outros títulos, destacamos: Bê-á-Bá das Mídias e Pesquisa em História, em que discutimos o que são mídias digitais e suas possibilidades para os historiadores; “A importância da mídia-educação e das TDIC”, pelo qual abordamos o que é a mídia-educação e sua aproximação com as Humanidades Digitais; e “Cultura Digital e ensino”, texto em que abordamos o que é cultura digital, seus desafios e suas potencialidades para o ensino de História, apresentando um roteiro para criação de *podcast*.

7 - Os autores concordam que a pluralidade de abordagens e tendências historiográficas como a *connected history*, a *histoire croisée*, a *entangled history*, a *world history*, a *global history*, a *transnational history*, a *shared history* e a *big history*, entre outras, revelam as disputas internas desse campo acadêmico.

8 - A iniciativa do site integra o projeto de pesquisa de doutorado, sob o título provisório “Exílios e culturas políticas no contexto da contrarrevolução miguelista, 1823-1840”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto.

9 - O programa opera com a leitura e interpretação de textos ou *corpus* de documentos e é útil e usado por estudiosos das ciências humanas. É um aplicativo digital de *software* livre no ambiente *web*. Ver: <https://voyant-tools.org/>.

10 - No caso brasileiro, a Humanitas Brasil - Ucrânia, organização não governamental criada pela Representação Central Ucraniana Brasileira (RCUB), que conta com apoio de entidades civis e religiosas oferece apoio humanitário aos refugiados ucranianos. Além de receberem doações em dinheiro e de materiais de primeiros socorros enviados à Ucrânia, cadastram famílias que desejam acolher os refugiados em suas casas no Brasil. Disponível em: <https://humanitasbrasilucrania.org.br/hbu/>. Acessado em: 04 dez. 2022.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Nosotras: feminismo latino-americano em Paris. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 336, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200007/25779>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ALVES, D. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. **Ler História**, [s. l.] n.º 69, p. 91-103, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2496>. Acesso em: 15 nov. 2023.

APPLEBAUM, A. **Cortina de ferro**: o esfacelamento do Leste Europeu (1944-1956). São Paulo: Três Estrelas, 2016.

APPLEBAUM, A. **A Fome Vermelha**: a guerra de Stalin na Ucrânia. Rio de Janeiro: Record, 2019.

BRITO, A.; VASQUEZ, A. Mulheres latino-americanas no exílio. Universalidade e especificidade de suas experiências. **Esboços**: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 14, n. 17, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/1208>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BURKE, P. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Unesp, 2017.

BURKO, P. V. N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba: Universidade Internacional de Estudos Sociais "Pro Deo", Roma, 1963. Monografia de Especialização.

CASSINO, C. **Portugal e Itália: emigração, nação e memória (1800-1832)**. Tese de Doutorado (História), Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/23962>. Acesso em: 24 out. 2023.
CHOMA, A.; ANTONELLI, D.; SENIUK, T. **As Ucrânias do Brasil**: 130 anos de cultura e tradição ucraniana. Curitiba: Máquina de Escrever, 2021.

CIESZYNSKA, B.; FRANCO, J. E. **Holodomor**: a desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933). Coimbra: CompaRes e Grácio Editor, 2013.

CONRAD, S. **O que é a história global?** [What is Global History?]. Lisboa: Edições 70, 2019.

Exílio-migração política | humanidades digitais. Disponível em: <https://emigracaopolitica.com/blog/>. Acesso em: 15 abril 2023.

FARIA, F. A. **Circulações internacionais e Liberalismo. O exílio liberal português, 1828-1832**. Dissertação de Mestrado (História), Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE, Lisboa, 2015. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/10440/3/TESE_Circulações%20Internacionais%20e%20Liberalismo.%20O%20Exílio%20Liberal%20Português,%201828-1832.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

FICO, C. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis. O caso brasileiro. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 28, n. 47, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/P7RGYBDbYn755mZRVGq3vGx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GOMES, I. do P.; SILVA, L. G. M. da; SENIUK, T.

GARCÍA, M. **Itinerarios militantes, profesionales y familiares de exiliadas chilenas en Francia: un análisis en términos de relaciones sociales.** Anais. La Plata, 26, 27 e 28 de setembro de 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/18532489.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GIL, T. L.; BARLETA, L. Formas alternativas de visualização de dados na área de história: algumas notas de pesquisa. **Revista de História**, São Paulo, n. 173, p. 427-455, 2015. Disponível: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.106234>. Acesso em: 14 ago. 2021.

GONÇALVES, A. L.; GUIMARÃES, N. C. Manifestações da contrarrevolução miguelista no Brasil (1823-1834). **Almanack**, São Paulo, v. 1, n. 26, p. 1-49, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/9921>. Acesso em: 02 jan. 2022.

GONÇALVES, A. L. Cidadãos teóricos de uma nação imprecisa: a ação política de estrangeiros no reinado de D. Miguel, 1828-1834. **Tempo**, Niterói, v. 21, n. 38, p. 171-191, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/LXDqJJWW7Kxfy3t7q5pp3s/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Guerra na Ucrânia: 240 mil já morreram no conflito, dizem EUA. Disponível em: <https://11nk.dev/4OgzN>. Acesso em: 03 dez. 2022.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ISABELLA, M.; ZANOU, K. **Mediterranean Diasporas.** Politics and Ideas in the Long 19th Century. London: Bloomsbury, 2016.

JUDT, T. **Pós-Guerra: uma História da Europa desde 1945.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KOENEN, G. **Utopia do expurgo: O que foi o comunismo?** Ijuí: Unijuí, 2009.

KREVER, M.; CHANCE, M.; GAK, K.; YOOLL, L. G. **Como tecnologia está ajudando a Ucrânia a resistir ao avanço russo.** CNN. Disponível em: <https://encr.pw/zty9o>. Acesso em: 03 dez. 2022.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: Unicamp, 1994.

LOUSADA, M. A. **O miguelismo (1828-1834): o discurso político e o apoio da nobreza titulada.** Trabalho de síntese. Provas de aptidão pedagógica e capacidade, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.

LOUSADA, M. A.; FERREIRA, M. de F. S. e M. D. **Miguel.** Rio de Mouro: Printer Portuguesa, 2009.

MAIA, J. J. da S. **Memórias Históricas, políticas e filosóficas da Revolução do Porto em maio de 1828 e dos exilados portugueses em Espanha, Inglaterra, França e Bélgica.** Obra póstuma publicada por Emílio Joaquim da Silva Maia. Rio de Janeiro: Nabu, 2010.

MONTEIRO, N. G. **Societat rural i actitudes polítiques a Portugal 1820-1834.** Sp. Carlism i moviments Absolutistes. Girona: Eumo Editorial, 1990.

OLIVEIRA, S. **Mulheres ditaduras e memórias:** Não imagine que precise ser triste para ser militante. São Paulo: Intermeios / FAPESP, 2013.

PAQUETTE, G. **Imperial Portugal in the age of Atlantic Revolutions:** the luzobrazilian world, 1770-1850. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

RAMÍREZ, H. Política e Tempo Presente na Historiografia das Ditaduras do Cone Sul na América Latina. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 71–94, 2012. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012071>. Acesso em: 15 nov. 2023.

REIS, A. F. As humanidades digitais no Brasil e no mundo: o estado da arte. **Convergências:** estudos em Humanidades Digitais, Goiânia, v. 1, n. 01, p. 32–48, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/47>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RIBEIRO, G. S. **A liberdade em construção:** liberdade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado. Tese de doutorado (História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_7ae6be4a62d6179fd3a063f3a9a4cdfc. Acesso em: 15 nov. 2023.

RIBEIRO, G. S. “Inimigos Mascarados com o Título de Cidadãos”. A vigilância e o controle sobre os portugueses no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 85-98, jul/dez. 1997. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/255>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, J. H. **Independência:** revolução e contrarrevolução. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

RONIGER, L. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. *In*: QUADRAT, Samantha (org.). **Caminhos cruzados:** História e Memória dos Exílios Latino-Americanos no século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p.31-61.

GOMES, I. do P.; SILVA, L. G. M. da; SENIUK, T.

SANTOS JR., J. J. G. dos; SOCHACEWSKI, M. História Global: um empreendimento intelectual em curso. **Tempo**, Niterói, v. 23, n. 3, 2017, p. 483-502. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/5Qh7XtLX9H9Q4hxrVWMPmhG/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SEPÚLVEDA, L. **Em nove meses de guerra, Brasil emite 480 vistos de residência para ucranianos**; 64 para crianças. R7. Disponível em: <https://acesse.one/ZdnnP>. Acesso em: 03 de dez. 2022.

SILVA, L. G. M. da. **Entre penas e impressos**: a experiência política de exilados liberais na Europa e no Brasil (1826-1837). Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

SIMAL, J. L. **Liberalismo Internacional y Exilio en Europa, 1814-1834**. Seminario de Historia: Madrid, 2012.

SIMAL, J. L. El exilio: un fenómeno global entre la revolución y la contrarrevolución, 1814-183. **Avances del Cesor**, Año VIII, n. 8, p. 63-79, 2011.

SUBTELNY, O. **Ukraine: a history**. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

YANKELEVICH, P. Estudar o exílio. *In*: QUADRAT, Samantha (org.). **Caminhos cruzados**: História e Memória dos Exílios Latino-Americanos no século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p.11-30.

IASMIN DO PRADO GOMES: Doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e bacharela e licenciada na área pela mesma instituição. Participou do Grupo de Estudo de História das Américas (GEHA) e do Grupo de Estudo Marianne Weber (GMW). Hoje participa do Grupo de Estudo JALS (Justiça, Administração e Luta Social) e é associada à Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC). Tem experiência nas seguintes áreas: História da América Latina Contemporânea, História dos Impresses, História das Mulheres e Descolonização e História. É colaboradora do blog Exílio Político e Migrações.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0401-3883>

Email: iasmin.gomes@estudante.ufjf.br

LUIZ GUSTAVO MARTINS DA SILVA: Historiador, sob o registro profissional 0000191/MG. Mestre e licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Doutorando na área pela mesma instituição. Pesquisador discente do Núcleo de Pesquisas CNPq Impérios e Lugares no Brasil (ILB-UFOP). Professor pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq em Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS-UFT). Sócio da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos (SEO), da Associação Nacional de História (ANPUH-TO) e da Associação Brasileira de Humanidades Digitais (ABHD). Membro da Equipe Editorial da revista Convergências: estudos em Humanidades Digitais

(CONEHD). Possui experiência na área de História do Brasil imperial, História contemporânea, História política, Paleografia, Ensino de História e Aprendizagem Histórica, com ênfase nos temas do exílio político e migrações, liberalismo, contrarrevolução, miguelismo, tecnologias digitais de informação e comunicação. Autor do livro "Entre penas e impressos: a experiência política de exilados liberais na Europa e no Brasil (1826-1837)".

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7451-2445>

E-mail: luiz.martins@aluno.ufop.edu.br

TALITA SENIUK: Licenciada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa; Especialista em Metodologia do Ensino de História pelo Centro Universitário de Maringá; Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo; Especialista em Ensino de Sociologia pela Universidade Cândido Mendes. Coautora do livro *As Ucrânias do Brasil: 130 anos de cultura e tradição ucraniana* pela Editora Máquina de Escrever. Atualmente é pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa CNPq em Mídias, Tecnologias e História (MITECHIS) da Universidade Federal do Tocantins; Professora de História, Sociologia e Filosofia da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso; colunista do *Jornal Ucrâniano Pracia - Праця* e colaboradora do *Blog Exílio-migração política | humanidades digitais*.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9656-0560>

E-mail: talitaseniuk@gmail.com

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).